

BOLETIM TÉCNICO CORTE CRV

OUTUBRO 2022



BETTER COWS > BETTER LIFE

CRUZAMENTO INDUSTRIAL COMO ESTRATÉGIA

As fazendas de corte no Brasil trabalham basicamente com três objetivos de criação, que são: cria, recria/engorda e o ciclo completo. E cada uma das fazendas desempenha este seu objetivo de acordo com o seu sistema de produção, seja ele mais extensivo ou mais intensivo, o que vai depender de fatores como fertilidade do solo, índices pluviométricos, mercado, localização, enfim, uma série de condições que irão determinar o nível de intensificação ou não da atividade.

Um ponto de impacto na atividade é o mercado, afinal o produto que produzimos na fazenda, em algum momento, será comercializado, seja na forma de bezerro, garrote ou animal acabado. E o mercado é sempre suscetível a diversos fatores, que podem promover mudanças de preços. Fatos recentes ilustram isso, por exemplo: no ano de 2022, temos dois grandes eventos acontecendo: o primeiro, a nível nacional, é o pleito para definição do presidente do Brasil, e o segundo, a nível internacional, é a Copa do Mundo de Futebol. Ambos os eventos movimentaram, de forma direta e



indireta, o mercado pecuário. E isso é normal no decorrer dos anos, se analisarmos a história, veremos diversos eventos com o mesmo impacto na atividade.

Infelizmente não conseguimos “agir” sobre o mercado, porém conseguimos, da porteira para dentro, tomar ações e atitudes que garantem o atingimento dos objetivos financeiros, com o menor desembolso possível, sem sofrer as consequências das variações do mercado.

Começemos por uma questão de posicionamento: a fazenda deve ter claro onde está, o que ela quer alcançar e como irá alcançar. Definido isso, é possível focar nos processos para que eles sejam executados com excelência.

Uma ferramenta que pode incrementar a atividade é o cruzamento entre as raças bovinas. Sabemos da vocação do nosso país para produzir a pasto e sabemos também que a raça Nelore encontrou no Brasil as melhores condições para produção, principalmente pela sua rusticidade e fertilidade. Podemos trabalhar, na base Nelore, os diversos cruzamentos, buscando maior produtividade e heterose de acordo com o grau do cruzamento que implementamos.

Antes de falar propriamente das raças e suas possibilidades de cruzamento, precisamos ter claros alguns conceitos importantes, que são:

- i.** Cruzamento e/ou Cruzamento Industrial;
- ii.** Heterose; e
- iii.** Complementariedade.

Vamos entender cada um deles, para assim fazer as melhores escolhas.

i. Cruzamento e/ou Cruzamento Industrial: cruzamento é a reprodução de animais de raças diferentes. Na zootecnia o cruzamento entre as raças, que pode ser definido como Cruzamento Industrial, é o processo de acasalamento entre animais de raças diferentes, muitas vezes com a intenção de criar descendentes que compartilhem as características de ambas as linhagens e/ou que produzam um animal com vigor híbrido para melhor saúde e desempenho. O produto fruto do cruzamento pode ser chamado de meio-sangue ou mestiço, isso de acordo com cada região;



ii. Heterose: é o resultado de efeitos não aditivos dos genes e é medida pela

comparação da performance das cruzas com a média das raças paternas ou com a médias dos grupos usados para obter as cruzas. A heterose resulta da combinação favorável de genes ou de grupos de genes obtida em um cruzamento específico. É de importância econômica considerável e varia dependendo da habilidade combinatória das diferentes raças e da distância genética entre elas. Raças mais distantes produzem cruzas com maior heterose do que as obtidas de raças mais aparentadas. As distâncias genéticas entre os zebuínos e os taurinos são maiores do que as entre as raças taurinas;



iii. Complementariedade: é quando utilizamos o cruzamento para capitalizar sobre a heterose ou vigor híbrido obtido no cruzamento de duas ou mais raças. A escolha das raças e o sistema de acasalamentos determinam o grau de heterose alcançado. Raças utilizadas em cruzamentos que produzem bons resultados mostram “habilidade combinatória” ou complementariedade. São raças que se complementam.



Tendo esses pontos claros e bem definidos, podemos trabalhar com o cruzamento de diversas formas. Seja ele entre zebuínos, entre taurinos ou ainda entre zebuínos e taurinos, que é onde teremos o maior grau de heterose, ou seja, os produtos terão desempenho superior à média das raças puras, o que, a nível de Brasil Central, é muito benéfico, pois aliamos a rusticidade e a adaptação do zebuíno com o alto desempenho e a produtividade do taurino e obtemos um animal meio-sangue, também

chamado de “F1”. Quando avaliamos o incremento dos animais cruzados, esse aumento varia entre **15-20%** sobre a média dos pais, porém para a manutenção dessa taxa de incremento devem-se sempre escolher reprodutores superiores para serem acasalados a cada geração, do contrário não teremos progresso.

Uma coisa que deve ficar bem clara para quem for trabalhar com cruzamento é que o desempenho em bovinos de corte está sempre relacionado ao meio onde este animal será criado, e obviamente um animal meio-sangue ou F1 demandará que aspectos como nutrição, sanidade e manejo estejam em equilíbrio para que ele possa expressar todo seu potencial.

Considerando as opções de raças para o cruzamento industrial, a CRV tem um vasto portfólio e pode lhe atender tanto com raças pura como com raças compostas, que irão imprimir maior ou menor grau de heterose, de acordo com seu objetivo de criação.

As raças de corte recomendadas para o cruzamento industrial pela CRV são: Angus, Bonsmara, Braford, Brangus, Canchim, Caracu, Charolês, Devon, Hereford, Montana, Red Angus, Red Brangus, Santa Gertrudis, Senepol, Simental, UltraBlack e Wagyu.

De posse dessas informações, podemos fazer a melhor escolha para esta estação de monta, a fim de obter os melhores resultados e maiores lucros.

Referências:

DALY, J. J. Melhoria Genética para a Produção de Carne Bovina. Beef Cattle Husbandry Branch – Technical Bulletin. Queensland, março 1977. n. 7. Traduzido.

EUCLIDES FILHO, Kepler. O Melhoramento Genético e os Cruzamentos em Bovinos de Corte. Cnpq. Embrapa, Campo Grande, 1997.



Caso tenha dúvidas sobre esse assunto, ou ainda sugestões para os próximos boletins técnicos, entre em contato pelo e-mail:

cassiano.pelle@crv4all.com.br



